

2021

REVISTA HISTORIAS DEL ORBIS
TERRARUM

ISSN 0718-7246, AÑO 2021, NÚM. 26

<http://www.orbisterrarum.cl>



A circulação epistolar sobre a controvérsia azimista entre cristãos latinos e bizantinos (1053-1054)

The epistolary circulation about the azyme controversy between Latin and Byzantine Christians (1053-1054)

Cláudia Regina Bovo*

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-Brasil)

Resumo: A excomunhão entre o patriarca de Constantinopla Miguel Cerulário (1043-58) e o legado papal Humberto de Silva Cândida (1049-61) marcou historicamente a divisão das igrejas cristãs. A controvérsia teve início a partir de uma exortação epistolar feita pelo arcebispo Leão de Ócrida ao arcebispo João de Trani ainda em 1053. Nosso objetivo neste artigo é revisitar as primeiras versões grega e latina da epístola atribuída à Leão de Ócrida, identificando o lugar da Sé Búlgara nesta rede de comunicação e debate sobre o pão ázimo e o hábito de guardar os sábados.

Palavras-chave: Cristianismo, Cisma, Epistolografia, Idade Média, Arcebispado de Ócrida.

Abstract: The reciprocal excommunication between the patriarch of Constantinople Michael Cellarius (1043-58) and the papal legacy Humbert of Silva Candida (1049-61) marked the division of the Christian churches. The controversy started in epistle sent by Archbishop Leo of Ohrid to Archbishop John of Trani still in 1053. This article aims to revisit the first versions of the Leo of Ohrid epistle, identifying the place of the Bulgarian See in this communication network about azymes bread and Sabbath.

Keywords: Christianity, Schism, Epistolography, Middle Ages, Ohrid Archbishopric.

* Professora Associada de História Medieval da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM/Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Medievais – LEME e da Red LatinoAmericana de Estudios Medievales. Tutora do Programa de Educação Tutorial em História da UFTM e coordenadora do projeto de extensão @barbaridadesmedievais: história pública da Idade Média via *Instagram*. E-mail: claudia.bovo@uftm.edu.br

A CIRCULAÇÃO EPISTOLAR SOBRE A CONTROVÉRSIA AZIMISTA ENTRE CRISTÃOS LATINOS E BIZANTINOS (1053-1054)

Cláudia Regina Bovo

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-Brasil)

I- Introdução¹

A data de 1054, que corresponde a excomunhão recíproca entre o patriarca Miguel Cerulários e o legado papal Humberto de Silva Cândida, marcou para gerações de estudiosos a divisão formal e duradoura do cristianismo entre as igrejas latina e grega. O mês de julho de 1054, que corresponde ao momento mais efervescente do conflito epistolar entre essas duas lideranças cristãs, teve como efeito drástico a excomunhão recíproca e a troca de acusações que provocava o abalo na unidade formal cristã.

Consolidado numa narrativa mestra sob o título de o “grande cisma oriental” de 1054, o enfretamento em questão teve início cerca de um ano antes, em 1053, através uma carta enviada pelo arcebispo Leo de Ócrida (Sé Búlgara) ao arcebispo João de Trani (Apúlia/ Itália meridional), na qual o primeiro questionava alguns elementos do rito cristão romano, especialmente o uso do pão sem fermento (ázimo) na celebração eucarística e o hábito julgado por ele judaizante de observar os sábados.

Embora essa avaliação do confronto entre a igreja de Romana e igreja de Constantinopla tenha sido bastante relativizada na historiografia após 1950, os eventos de 1054 ainda assumem um lugar de destaque enquanto narrativa-mestra da divisão do

¹ Este texto foi primeiramente debatido durante a *I Jornadas Virtuales de la Red LatinoAmericana de Estudios Medievales*, organizado pela Universidad Autónoma de México, entre 11 e 13 de novembro de 2021. Meu agradecimento aos colegas Ana Clara Aguilar Monroy, Héctor Ricardo Francisco, José Miguel de Toro, Pablo Castro e Renato Viana Boy pelos debates interpostos que possibilitaram o aperfeiçoamento das reflexões aqui apresentadas.

cristianismo e evento preponderante para a hegemonia cristã latino-papal. Invocado como um símbolo duradouro da divergência entre as igrejas católica e ortodoxa, o cisma de 1054 ainda reverbera no senso comum como o evento que deu origem ao rompimento definitivo entre cristão católicos e ortodoxos gregos que estendem-se até os dias de hoje.

Muitas questões ainda são postas sobre o lugar deste evento no “nascimento” ou “criação” de uma hegemonia cristã latina, que supostamente virara as costas à tradição imperial romano-bizantina e à igreja cristã ortodoxa grega. Em vista dos renovados estudos sobre histórias conectadas, muitos aspectos dessa separação estão sendo revistos, sobretudo porque as disputas entre as lideranças latinas e as bizantinas marcaram a história do cristianismo numa longa duração e não necessariamente culminaram em rompimento definitivo.² Ao contrário, colaboração e troca foram a tônica da constituição política supralocal das lideranças destas cristãs.

Nesse sentido, este artigo busca apresentar os primeiros resultados de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Por uma história conectada do cisma de 1054* que visa mapear e analisar as redes de comunicação latino-bizantinas geradas pelo cisma cristão de 1054. A partir das noções de autoridade e comunicação a proposta principal do projeto é identificar as vinculações político-religiosas entre os ambientes conectados em torno da sé romana e do patriarcado de Constantinopla, analisando nas correspondências do período os personagens envolvidos, seus espaços de comunicação, as iniciativas descritas e as redes de poder estruturadas.

Para este artigo especificamente, apresentaremos os primeiros conjuntos epistolares identificados em torno da disputa azimista de 1054, bem como a primeira rede de conexões estabelecida a partir do episcopado de Ócrida, na Bulgária, e as hipóteses possíveis que podem nos orientar para a função desempenhada por séis tidas como marginais na estruturação das autoridades cristãs.

² Vários autores já reconheceram essa genealogia dos debates do cisma cristão, muito mais frequentes do que o foco nos eventos em torno dos anos de 1053 e 1054. Uma tradição de “estados de cisma” que atravessariam uma cronologia ampla dos séculos IV-XV pode ser identificada nos capítulos introdutórios dos trabalhos de Steve Runciman e Yves Congar, os quais buscam sistematizar os debates historiográfico-teológicos e também os documentos que deram origem aos eventos de 1054: Runciman, Steven, *The Eastern Schism. A study of the papacy and the eastern churches during the 11th and 12th centuries*, Wipf & Stock publishers, Eugene, 1955; Congar, Yves, *After Nine Hundred years: The Background of the Schism Between the Eastern and Eastern church*, Fordham University Press, New York, 1959.

II- O “cisma oriental”: uma narrativa eurocêntrica?

No que diz respeito a história cristã europeia, o século XI marcou os estágios iniciais do chamado movimento de “reforma gregoriana”. De maneira resumida, esse movimento buscou estabelecer através de um esforço abrangente do papado a primazia de Roma sobre os ofícios, doutrina e sacramentos da Igreja cristã universal. As narrativas que colocam as reformas eclesiais latinas do século XI como centrais para edificação do poder papal ajudaram a construir, histórica e principalmente historiograficamente no ocidente, a visão de um papado romano privilegiado enquanto liderança máxima do cristianismo medieval em detrimento de outras comunidades eclesiais de referência na tradição latina cristã e também das lideranças patriarcais. Já na literatura bizantina produzida nos séculos XII ao XV, os termos “cismático” e “herético” foram amplamente utilizados em conexão com a memória das relações hostis estabelecidas com as lideranças cristãs latinas, seja na recordação das disputas da *filioque*, do iconoclasmo, entre outras controvérsias doutrinárias.³ Mas, nos estudos historiográficos profissionais contemporâneas prevalece ainda a denominação cristalizada como “cisma oriental” para a excomunhão que foi mútua, entre papa e patriarca, ocorrida em 1054.⁴

Muitos historiadores se propuseram a pensar as causas e também as consequências das discordâncias rituais entre papado e patriarcado estabelecidas a partir das excomunhões de 1054. Uma tradição de estudos deste cisma se estabeleceu na historiografia a partir da publicação da coletânea de documentos de Cornelius Will, *Acta et Script quae de controversii ecclesia graecae et latinae saeculo XI extant*, em 1861. Nesta obra foi reunido

³ Blanchet, Marie-Hélène, “Schismatiques et hérétiques: les qualifications appliquées aux Latins à Byzance”, *Mélanges de l’École française de Rome - Italie et Méditerranée modernes et contemporaines* [Online], 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mefrim/1870?lang=en>. Acesso em: 20/01/2020.

⁴ Tia Kolbaba problematiza quando os eventos de 1054 passaram a ser vistos como cruciais para divisão cristã entre católicos e ortodoxos. A história da briga de Cerulários com os latinos estava fora de sintonia com o mundo da dinastia Comnena. Ver: Kolbaba, Tia, *The legacy of Humbert and Cerularius: the tradition of the “schism of 1054” in Byzantine texts and manuscripts of the twelfth and thirteenth centuries*. Ver: Dendrinis, C. et al. (éd.). *Porphyrogenita. Essays on the history and literature of Byzantium and the Latin East in honour of Julian Chrysostomides*, Aldershot, 2003, pp. 51-52 e 60.

pela primeira vez o conjunto conhecido de epístolas sobre o cisma.⁵ A partir daí, trabalhos historiográficos importantes se edificaram. Entre os mais conhecidos estão a tese do historiador francês Louis Bréhier (1899),⁶ do historiador católico Martin Jugie (1941),⁷ as sínteses historiográficas de Steve Runciman (1955),⁸ Yves Congar (1959)⁹ e, mais recentemente, José Orlandis (2004),¹⁰ Brett Whalen (2007),¹¹ Judith R. Ryder (2011)¹² e Tia Kolbaba¹³ revisitaram o debate historiográfico do tema.

Primeiramente, na historiografia profissional os eventos de 1054 tornaram-se simbólicos da cisão entre a igreja latina e a igreja ortodoxa grega. Os trabalhos de Cornelius Will, Louis Bréhier e Martin Jugie edificaram essa perspectiva da cisão crescente e definitiva a partir das excomunhões mútuas proclamadas por cartas papais e patriarcais de 1054. Mas, como constatou Yves Congar ao reavaliar com distância considerável as excomunhões, a data de 1054 é mais simbólica do que histórica para divisão do(s) cristianismo(s).

Para Congar, o “cisma Oriental” não esteve cravado nas excomunhões mútuas dos meses de julho e agosto 1054, mas num estado de hostilidade edificado anteriormente, que permaneceu também ativo até muito recentemente, na década de 1970. Segundo Congar: “O chamado cisma oriental surgiu de um progressivo estranhamento entre as práticas cristãs e as lideranças cristãs romana e bizantina”.¹⁴ Outros historiadores, como Steve Runciman (1955) e, mais recentemente, o também sacerdote católico José Orlandis Rovira (2004) acompanharam a defesa da perspectiva de Congar. Ao buscarem estabelecer um

⁵ Will, Cornelius, *Acta et scripta quae de controversiis ecclesiae Graecae et Latinae saeculo undecimo composita extant*. Leipzig and Marburg, 1861. Disponível em: <https://archive.org/details/Will1861ActaEtScripta/page/n13>. Acesso em: 21/01/2021.

⁶ Bréhier, Louis, *Le Schisme oriental du XIe. Siècle*, E. Leroux, Paris, 1899.

⁷ Jugie, Martin, *Le Schisme byzantine: aperçu historique et doctrinal*, Lethielleux, Paris, 1941.

⁸ Runciman, Steven. *Op. cit.*

⁹ Congar, Yves, *Op. cit.*

¹⁰ Orlandis Rovira, José, “Oriente y Occidente cristianos (1054-2004). Novecientos cincuenta anos de Cisma”, *Anuario Historia de la Iglesia*, vol. 13, 2004, pp. 247-256. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/anuario-de-historia-iglesia/article/view/23631/0>. Acesso em: 10/05/2019.

¹¹ Whalen, Brett, “Rethinking the schism of 1054: authority heresy and the latin rite”, *Traditio*, vol. 62, 2007, pp. 01-24. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27832064?seq=1>. Acesso em: 05/01/2020.

¹² Ryder, Judith R., “Changing perspectives on 1054”, *Byzantine and Modern Greek Studies*, vol. 35, no. 1, 2011, pp. 20-37.

¹³ Kolbaba, Tia, “1054 revisited: response to Ryder”, *Byzantine and Modern Greek Studies*, vol. 35, no. 1, 2011, pp. 38-44.

¹⁴ Congar, Yves, *Op. cit.*, pp. 05-12.

entendimento sobre as ligações de 1054 com eventos anteriores de enfrentamento entre as diferentes lideranças cristãs, explicações foram sistematizadas defendendo que as disputas rituais de 1054 não foram um evento isolado e catastrófico.

O próprio Runciman ao explicar o sucesso do papado nas contendas com o patriarcado de Constantinopla defendeu que a igreja papal assumiu posição privilegiada na divisão do(s) cristianismo(s), por ser o lugar de defesa e sobrevivência do ideário de uma Igreja Universal, que supostamente estaria sendo menosprezado pelos cristãos bizantinos. Mas essa abordagem parece muito mais influenciada por uma leitura “gregoriana” do papado enquanto instituição em reforma constante, que buscava a disciplina de seu corpo eclesial e a fuga da ingerência corrompida e “mundana” de lideranças imperiais e senhoriais, enquanto a igreja patriarcal permaneceria submetida a uma ingerência imperial nos moldes da tradição cesaropapista tardo-antiga.

Nesse sentido, vale a pena ressaltar que os estados de cisma aparecem como uma constante na história cristã. Portanto, reconhecer que outras disputas político-teológicas já causaram distanciamentos significativos ou cismas entre diversas lideranças episcopais latinas, gregas, africanas, como identificou André Miatello nos eventos em torno dos cismas de Novato na Roma de 251 e das igrejas norte-africanas no século IV, nos ajuda a reavaliar historiograficamente as análises desses eventos e ponderar sobre os condicionamentos externos que muitas vezes ignorados pelos produtores das análises determinaram a leitura e conclusão histórica feita dos cismas.

Segundo Miatello, em disputas teológicas e doutrinárias de cismas antigos e medievais “o que estava em jogo era a defesa do poder de quem estabelecia a doutrina e não propriamente a doutrina em si mesma, ou a desviância da doutrina”.¹⁵ Os estados de cisma se estabelecem como modo de gerir as diferenças entre comunidades eclesiais locais, sejam nas diferenças doutrinárias, sociais, culturais, litúrgicas ou políticas. “Neste caso, o cisma precisa ser reinterpretado numa chave que entende que a diversidade, não a uniformidade, é consubstancial à própria identidade do cristianismo”.¹⁶

¹⁵ Miatello, André Luis Pereira, “Cismas”. In: *Theologica Latinoamericana*. Enciclopedia Digital. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional: ISBN 978-85-61227-04-3. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1449>. Acesso em: 20/01/2021.

¹⁶ *Ibidem*.

Considerar essa condição diversa que marca os múltiplos cristianismos e seu contínuo exercício em busca da unidade e não de uniformidade, nos exige olhar com cuidado aos contextos históricos dessas distensões ou “estados de cisma”, ao mesmo tempo levar em conta a constatação bem lembrada por Miatello de que as fontes dessas contendas são produtos de correntes cristãs vitoriosas em seus embates e, portanto, depreciativas dos defensores ou grupos derrotados.¹⁷

Muito do que vamos expor aqui é inspirado pelo trabalho teórico proposto por Miatello e do historiador norte americano Brett Whallen,¹⁸ que revisitou a questão do rito latino, debatendo-o a partir da noção de autoridade e do por que o debate sobre o pão ázimo (sem fermento) na Eucaristia tornou-se tão importante para os seguidores da igreja romana em meados do século XI. Identificando abordagens diferentes entre muitas práticas historiográficas, Miatello e Whallen representam um esforço intelectual importante para os pesquisadores que buscam uma abordagem conectada/integrada dos fenômenos históricos analisados.

A partir dos estudos de André Miatello e Brett Whallen ficou evidente que supervalorizamos uma avaliação política do fenômeno cismático em detrimento de suas correlações transculturais e antropológicas historicamente referenciadas. Desta maneira, a abordagem das chamadas histórias conectadas nos ajuda a analisar o evento de 1053-1054 enquanto espaço da circulação e do encontro entre práticas cristãs, mais do que espaço de rompimento.

Além disso, é importante pontuar que diferentemente de Whallen, na leitura da historiografia alemã, inglesa, norte americana e brasileira que questionou a validade interpretativa do conceito de reforma gregoriana disseminado por Augustin Fliche, valorizamos as expressões dos múltiplos cristianismos latinos e bizantinos como elemento dinâmico, que está presente na altercação de sentidos de conjuntos epistolares tidos como coesos e pautados por um “programa reformador”, como já defendido por outras análises historiográficas da “reforma gregoriana”.¹⁹

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Whallen, Brett, “Rethinking the schism of 1054: authority, heresy and the latin rite”, *Op.cit.*, pp. 01-24.

¹⁹ A correspondência de Pedro Damiano é um conjunto epistolar importante para demonstrar os embates internos entre os aliados da Cúria Papal nos pontificados de Nicolau II (1058-1061) e Alexandre II (1061-1073).

Numa perspectiva historiográfica ocidental, a história cristã é uma história do sucesso latino. Bizâncio aparece num papel firme e decididamente passivo. Como afirmou categoricamente Averil Cameron, “Bizâncio parece ser caracterizado por negativos – a ausência de características ocidentais como Renascimento, Reforma e Iluminação”.²⁰ Portanto, olhar novamente para a circulação epistolar e seus sentidos em torno dos eventos da disputa pelo uso do pão ázimo entre 1053 e 1054, mostra primeiramente o peso deste tipo de meio de comunicação, usado normalmente para promover alianças, visando estabelecer e manter vínculos sociais, políticos e econômicos.²¹

O estudo das instituições e tradições cristãs medievais moldado pela confluência de várias tradições acadêmicas consagradas pelo tempo, ainda é caracterizado por uma abordagem profundamente disciplinar. Essa divisão não afeta apenas a maneira como vemos as múltiplos cristianismos medievais e seus diversos protagonistas, ela molda a própria terminologia e os conceitos que usamos para estudar essas unidades que hoje designamos como “Oriente” e “Ocidente”. Isso está rapidamente se tornando um obstáculo, tanto para acadêmicos interessados em perspectivas transculturais quanto para aqueles interessados nas correntes intelectuais, religiosas e políticas que atravessam as culturas medievais latinas, gregas, muçulmanas, judaicas.

Contrariando as expectativas de alguns historiadores partidários da tese de uma “reforma gregoriana”, unificada sob a representação de um grupo coeso de reformadores como atestaram Giuseppe Fornasari (1996) e mais recentemente a coletânea *La Réforme Grégorienne, une “révolution totale”?* organizada por Tristan Martine e Jérémy Winandy (2021), a correspondência de Pedro Damiano apresenta a evolução de cenário institucional caracterizado por relacionamentos frágeis, passíveis de serem repactuados ao gosto de contratempos, incompatível com a imagem de uma cúria que estivesse uníssona num suposto “projeto reformador” de toda a sociedade do século XI. Ver: Bovo, Cláudia R., *Em busca da Renovatio cristã: simonia e institucionalidade eremítica na correspondência de Pedro Damiano (1041-1072)*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280778>. Acesso em: 20/04/2021.

²⁰ Cameron, Averil, “Thinking with Byzantium”, *Transactions of the Royal Historical Society*, vol. 21, December 2011, p. 47.

²¹ No artigo *No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano*, buscamos apresentar a partir da análise da correspondência de Pedro Damiano os diferentes tipos de petições epistolares e formatos de cartas. As cartas breves, como a enviada por Leão de Ócrida aos sacerdotes do sul itálico, apresenta-se como meio de comunicação direto para constituição de alianças e de uma arena de debate mais do que um texto acusatório de rompimento. Ver: Bovo, Cláudia R., “No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072)”, *História* (São Paulo) [online]. 2015, v. 34, n. 2 [Acessado 3 Junho 2021], pp. 263-285. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-436920150002000068>. ISSN 1980-4369.

Portanto, uma história conectada que considerasse as conexões no macro continente Euroasiático precisa combinar duas abordagens: estudar contatos interculturais e processos de transferência de conhecimento e de formação da tradição-história-memória entre as culturas grega, latina, árabe, hebraica e vernacular. Mas alcançar este horizonte promissor não é tarefa fácil. Por que? Por trás das descrições modernas e enganosas sobre as semelhanças dos cristianismos medievais praticados só em território europeu, há uma ampla variedade de padrões que é visível em todo o Mediterrâneo.

Não existe um único cristianismo latino, da mesma forma que não existe um único cristianismo bizantino. Mas a incessante busca por dar “originalidade”, enfatizar o que é extraordinário num e no outro lado, pensando aqui o “ocidente latino” *versus* Bizâncio, a justaposição de fenômenos comparáveis, muitas vezes, parece muito vaga e faz com que os especialistas desejem que a especificidade de uma das culturas seja mais plenamente respeitada do que a outra.

Duas percepções bastante pragmáticas e uma altamente ideológica são nosso horizonte nessas primeiras análises do cisma de 1054 e dos cristianismos medievais. Quaisquer novos empreendimentos compartilhados exigirão um esforço contínuo para superar a barreira das tradições disciplinares do conhecimento dos estudos clássicos do latim e do grego. Valorizar a abordagem em multicamadas é o foco: os trabalhos recentes sobre a metodologia de histórias comparativas e conectadas apontam para uma abordagem na qual é preciso prestar muita atenção as peculiaridades e conexões (religiosas, políticas, econômicas, intelectuais) entre os exemplos bizantinos e latinos escolhidos. Uma vez que as conexões e diferenças existentes parecem suficientemente claras, as comparações “transculturais” em pequena escala de fenômenos relacionados ou similares (por exemplo, os eventos de excomunhão mútua de 1054), oferecem o caminho mais promissor antes que qualquer visão abrangente possa ser alcançada.

Tal empreendimento implica em mais do que questões metodológicas. Aqui aparece um terceiro ponto de cautela, visto que trabalharemos com questões de identidade que estão política e ideologicamente carregadas. Portanto, reconhecer esses condicionantes é essencial. Um dos fatores mais fortes que impulsionam o interesse por uma nova abordagem na história das tradições religiosas e culturais dos cristianismos latino-bizantino

é o atual desejo de reavaliar não apenas o peso da tradicional história dos nacionalismos, mas também a perspectiva de unidade europeia, das tradições dos estudos de civilização, que tem estado sob pressão com o surgimento de perspectivas epistemológicas pós-coloniais e de-coloniais.²²

A narrativa-mestra de uma “ascensão do Ocidente” política, intelectual, religiosa, econômica, cujo berço é a modernidade, alimenta-se da história pré-moderna para alavancar esse vir a ser promissor e dominante. Quase uma história teleológica do sucesso da civilização ocidental, que responde diretamente à ideia que sustenta o renascimento italiano e os múltiplos renascimentos antes dele, como embriões de preparo civilizacional. O próprio conceito de "ocidente", usado aqui principalmente para denotar a cultura baseada no latim em oposição à cultura grega bizantina, descreve não apenas uma área geográfica correspondente vagamente à Europa (ocidental) e ao mundo atlântico, mas uma comunidade de sentidos, cujos valores subscrevem uma tradição que quer abranger o tempo de Platão à OTAN.²³

Olhar para a Sé Búlgara de Ócrida, espaço tido como marginal na edificação da autoridade cristã tanto do patriarcado bizantino como do pontificado romano, e perceber seu papel central na recuperação de um debate sobre o rito romano demonstra que as relações entre Roma e Constantinopla não se restringiam ao debate das lideranças nas sés como abrangência supralocal, mas englobava uma representatividade multinuclear que coloca a religiosidade como experiência comunitária menos hierárquica do que supomos. Além de tornar mais tênue a percepção centrada na competição entre polos antagonísticos de poder. Essa perspectiva de cristianismos em circulação, em colaboração e, eventualmente, em disputa marca o jogo de poderes e os múltiplos polos cristãos que se comunicaram em torno da controvérsia do uso do pão ázimo na eucaristia e da observação dos sábados.

²² Chakrabarty, Dipesh, *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*, Princeton University Press, Princeton, 2007.

²³ Steckel, Sita, “Introduction. Towards a Connected History”. In: Steckel, Sita; Gaul, Niels; Grünbart, Michael (Eds.), *Networks of Learning. Perspectives on Scholars in Byzantine East and Latin West, c. 1000–1200*, LIT-Verlag, Münster, 2014, p. XXI.

III- Primeiros apontamentos sobre a circulação epistolar das práticas azimistas

Como nos adverte Steve Runciman, a prerrogativa de uma união comunitária cristã aparece como artigo de fé em textos fundadores da doutrina e da exegese cristã. Considerar a existência de facções separadas, encaradas com dissidências circunstanciais já aparece nos textos Paulinos e é reverberada na exegese dos padres gregos e latinos.²⁴

Da mesma maneira, o uso de meios de comunicação que constituíram estruturas reticulares, como as correspondências, nos ajudam a mapear a geografia estabelecida por lideranças eclesiais e reconhecer a complexidade e dinamismo de suas relações de dependência e solidariedade. A identificação e a justaposição de estruturas reticulares de comunicação entre as lideranças religiosas das igrejas bizantina e romana, nos permite rever os processos de afastamento, identificados como “estado de cisma”, que parecem permanentemente se repetir desde os concílios ecumênicos tardo-antigos.

Por isso, nos dedicamos a mapear as mudanças sociais, políticas e religiosas específicas, como a excomunhão mútua de 1054, e os meios materializáveis disso, como os textos produzidos, preservados e copiados atribuídos ao período de estudo. Isso também implica que talvez tenhamos que nos contentar com uma estrutura bastante aberta, possivelmente com a simples suposição de que houve dinâmicas e mudanças recorrentes influenciando as redes de comunicação e a conservação dessas narrativas. Não menos importante, o conceito de dinâmica pode evitar a suposição de um entrelaçamento transcultural crescente e ininterrupto, nos ajudando a garantir que isso seja complementado por um foco nas divergências locais, que podem ser maiores do que divergências extra locais, como sinalizou a historiografia até aqui.

Vejamos a lista das cartas expedidas presentes na coletânea de Cornelius Will em torno da dupla excomunhão de 1054:

1. 1053 – carta que abre a coletânea de Leão arcebispo de Ócrida (Sé Búlgara) à João bispo de Trani (Região da Apúlia na Itália);

²⁴ Runciman, Steven, *Op.cit.*, pp. 01-03.

2. Janeiro de 1054 – carta do Papa Leão IX ao patriarca de Constantinopla Miguel Cerulário;
3. Janeiro de 1054 – carta do Papa Leão IX ao Imperador Bizantino Constantino IX;
4. Abril de 1054 – carta do Papa Leão IX ao patriarca de Constantinopla Miguel Cerulário;
5. Carta do monge Nicetas Stethatos – *Libellus contra latinos*;
6. *Responsio* do cardinal Humberto de Silva Cândida contra Nicetas o *Pectorati*;
7. Julho de 1054 - Bula papal de excomunhão de Miguel Cerulário e seus partidários;
8. Sínodo de Constantinopla – excomunhão dos legados latinos.
9. Papa Leão IX ao Bispo Pedro de Antioquia;
10. Miguel Cerulário ao patriarca Pedro de Antioquia;
11. Miguel Cerulário ao patriarca Pedro de Antioquia;
12. Primavera de 1054 - Domingos bispo de Grado à Pedro de Antioquia;
13. Primavera de 1054 - Pedro de Antioquia à Domingos bispo de Grado (Veneza).

As duas últimas cartas foram datadas por Mahlon H. Smith.²⁵ A esse conjunto reunido há mais de 160 anos ainda é preciso incorporar mais duas cartas de Leão de Ócrida,²⁶ todo um debate epistolar da segunda metade do século XI que incluem cartas de Pedro Damiano à Henrique arcebispo de Ravenna (1052) e ao patriarcado de Constantinopla (1062),²⁷ algumas cartas do epistolário de Miguel Pselo (1034-1078), recentemente editadas por Stratis Papaioannou²⁸ e a seleção de algumas cartas de Teofilacto, bispo de Ócrida que tratam da memória da Sé Búlgara (1078-1107). Ou seja, é preciso um contínuo

²⁵ Mahlon H. Smith III reconstruiu as datas de várias cartas e tratados em torno da controvérsia azimista. Ver: Smith III, Mahlon H. *And Taking a bread... Cerularius and the Azyme controversy of 1054*, Beauchesne editeur, Paris, 1978, p. 173. Além disso, Smith indica um intercâmbio entre clérigos “orientais” e “ocidentais” sobre vários assuntos entre 1052 e 1053, demonstrando a crescente consciência e preocupação com as diferenças litúrgicas entre as igrejas, especialmente se o pão eucarístico deveria ou não ser fermentado.

²⁶ Büttner, Elmar, *Erzbischof Leon von Ohrid (1037-1056)*, Leben und Werk (mit den Texten seiner bisher unedierten asketischen Schrift und seiner drei Briefe an den Papst), Selbstverlag, Bamberg, 2007.

²⁷ Pedro Damiano, *Epístolas 41 e 92. Die Briefe Petrus Damiani*. Monumenta Germaniae Historica. Ed. Kurt Reindel. Tomo 2 e 3, V. München, 1988-1989, pp. 01-02 e 14-26.

²⁸ Miguel Pselo, *Epistulae*. Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Ed. Stratis Papaioannou, De Gruyter, Berlin, Boston, 2019, 2 Vols.

levantamento e incorporação de novos textos epistolares em circuitos locais e extra locais que orbitam em torno do debate azimista.

A perspectiva “mediterrânea”, que pode ser nomeada como uma das opções que o conjunto epistolar organizado por Will parece mais adequada, pela vantagem óbvia de que ela enquadra uma área muito menor e, portanto, mais familiar aos nossos trabalhos. Além da vantagem adicional de que conexões cristãs em todo o Mediterrâneo receberam recentemente muita atenção. No entanto, como Cameron adverte, a perspectiva não é ideal para enquadrar a pesquisa em Bizâncio, uma vez que o Império Bizantino não era caracterizado exclusivamente por suas relações, poderes, trocas mediterrânicas, mas por sua atuação em outras regiões, em várias constelações locais asiáticas que mudaram ao longo do tempo.

Por hora nos concentraremos nos textos tomados como o estopim do debate entre o patriarcado bizantino e a cúria romana: as cartas atribuídas à Leão, arcebispo de Ócrida. Segundo Eleonora Naxidou,²⁹ o nome de Leão (1037-1056) aparece pela primeira vez como arcebispo da igreja búlgara autocéfala em três sigilos imperiais que o imperador Basílio II emitiu entre 1018-1025, depois de ter conquistado o território búlgaro e restaurado o domínio bizantino na Península Balcânica. Segundo esses documentos, sob os auspícios de Leão ergueu-se a nova sede do arcebispado, a Catedral de Santa Sofia de Ócrida. Mas é a carta de 1053 que Leão escreveu a um bispo, supostamente do sul Itálico, em que ele textualmente se dirigia através dele a todos os sacerdotes, assim como ao papa, que garantiram para a posteridade a notícia de seu nome.

O grande amor de Deus e os nossos mais sinceros sentimentos de Sua simpatia persuadiram-nos a escrever à vossa santidade e, por seu intermédio, a todos os arcebispos dos Francos (ἀρχιερεῖς τῶν Φράγγων) e ao reverendíssimo Papa (αἰδεσιμώτατον Πάπαν), para relembrar o assunto dos ázimos (ἄζύμων) e sábados (σαββάτων), que, celebrando-os de maneira mosaica e inadequada, mantem comunhão com os judeus (Ἰουδαίους).³⁰

²⁹ Naxidou, Eleonora, “The archbishop of Ohrid Leo and the ecclesiastical dispute between Constantinople and Rome in the mid 11th century”, *Cyrrillomethodianum*, XXI, 2016, pp. 07-19.

³⁰ Will, Cornelius, *Op. cit.*, p. 56.

O primeiro elemento nas nomeações feitas diz respeito a esse amplo campo de destinatários que a partir do primeiro endereçado se alcançaria com a breve epístola. Uma carta pública, feita para circular. Como já dissemos em outra ocasião à respeito das análises da epistolografia do século XI, baseada na correspondência de Pedro Damiano, a opção pelo tipo breve de carta era dependente da demanda de expedição e dos ambientes de recepção. Um opção consciente do remetente, que buscava criar uma espacialidade singular com aqueles com quem pretendia debater temas e criar vínculos. Mais confiável que a simples palavra de um intermediário e, igualmente, mais preciosa, a carta breve testemunhava a vontade de criar ou de manter a qualidade de um diálogo entre pessoas fisicamente distantes, mas das quais pode se aproximar pelos recursos retóricos da *disputatio*. Pelas fórmulas da saudação empregadas pelo arcebispo de Ócrida, está claro seu cuidado em nomear qualificadamente sua audiência extensa e extra local (todos os arcebispos dos Francos). Importante enfatizar que no texto grego desta carta não há referência à região do primeiro destinatário como sendo o bispo de Trani.

Há referências cruzadas de vários códices que reconhecem como autênticas ao menos três cartas expedidas por Leão de Ócrida sobre o pão ázimo (sem fermento). Esse trabalho feito por Elmar Büttner³¹ é a primeira edição crítica da obra do arcebispo búlgaro. Nele a epístola 1 de Leão se aproxima da versão grega que está editada por Cornelius Will da qual fizemos referência acima da parte da saudação. Em termos de conteúdo, a epístola breve trata de assinalar que certas práticas do rito romano, como o uso do pão ázimo (pão sem fermento na Sagrada Eucaristia) e a observação dos sábado eram costumes mosaicos e, portanto, deveriam ser corrigidos.

O interessante de ser destacado aqui é que a edição mais recente de Elmar Büttner, cuja epístola 1 está baseada em 14 códices, mostra o diálogo iniciado por Leão de Ócrida com prerrogativas de esclarecer um ponto do rito eucarístico e estabelecer um debate sobre seus fundamentos mosaicos e sua superação nos exemplos extraídos dos Evangelhos de Mateus e Lucas. A carta 1 fundamenta-se em referências de autoridade vetero e neo testamentárias para argumentar que “os pães ázimos não têm anamnese do Senhor, nem

³¹ Büttner, Elmar, *Op. cit.*, pp. 162-261.

proclamam a sua morte; pois a Lei mosaica, ordenada 6.000 anos antes, foi abolida e cessou por meio da nova aliança, ou melhor, do Evangelho”.³²

A carta 2 de Leão de Ócrida presente na edição Büttner (baseada em oito códices) na saudação não nomeie seus destinatários, mas deixa clara a vinculação ao tema inicialmente aberto e a possibilidade de mais tempo para aprofundá-lo: “Bendito seja Deus por nos ter dado tempo, ó homens de Deus, para dizer algumas coisas através desta carta à respeito dos ázimos”.³³ Ela sequencia e aprofunda o debate, trazendo desta vez além dos fundamentos da natureza do pão e do rito de comunhão vindos das santas escrituras, a referência de autoridade dos três hierarcas: Basílio Magno, Gregório de Nazianzo (o Teólogo) e São João Crisóstomo. O compromisso de manter o debate via correspondência, aprofundando ainda mais o tema não termina nesta segunda epístola. É externado na conclusão, se os destinatários manifestarem concordância, a menção a uma nova carta, “a terceira”, para discutir de forma “mais ampla e teológica” a questão:

[...] lendo estas coisas com sinceridade e esforço, oh amigos e escravos de Deus, ensinem e corrijam os ignorantes, para que vocês possam fazer de nós, eles e deles seus filhos participantes do Reino dos Céus. E se for favorável, mais tarde trarei mais, em uma terceira carta, para que essas coisas possam ser discutidas mais ampla e teologicamente - se Deus quiser - na verdade, por meio de outra carta, para a glória de Deus, o Pai, nosso Senhor Jesus Cristo, o vivificador e todo o Espírito Santo, que a glória e a salvação da alma lhe sejam dadas por meio da fé divina, correta e imaculada, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.³⁴

Fica claro até aqui a preocupação em promover um diálogo, mais do que uma provocar uma distensão ou rompimento. O interessante de destacar aqui nesse primeiro de exercício de análise das cartas de Leão de Ócrida que circularam entre 1053 e 1054 e seriam o estopim da polêmica que desagua na excomunhão mútua dos legados papais e do patriarca e seus colaboradores, é que a versão latina da carta, tradução atribuída ao cardinal Humberto de Silva Cândida, a qual se deduz ter sido entregue à cúria papal de Leão IX e ter circulado junto as seis suburbicárias. Aliás, vale lembrar aqui com já noticiado pelos

³² Will, Cornelius, *Op. Cit.*, p. 58.

³³ Büttner, Elmar, *Op. cit.*

³⁴ *Ibidem.*

trabalhos de Dominique Iogna-Prat e Leandro Duarte Rust, que Leão IX foi um dos papas que mais viajou, passando muito mais tempo na estrada, em negociações importantes para sustentar seu pontificado frente às investidas dos condes de Túsculo e *Crecenzi* da região do Lácio Romano.³⁵

Na tradução latina da carta de Leão de Ócrida feita por Humberto, a saudação da carta inicia-se da seguinte maneira: “Miguel, patriarca universal da nova Roma, e Leão, arcebispo de Ócrida da sé metropolitana da Bulgária, ao amado irmão bispo João de Trani”.³⁶ De acordo com essa versão em latim, a carta havia sido enviada primeiramente por Miguel Cerulários e o arcebispo de Ócrida seria o segundo subscritor. Isso significaria que Leão tomou essa iniciativa em acordo com a vontade patriarcal e, provavelmente, sob instruções patriarcais. Além disso, o bispo João de Trani da Apúlia, é nomeado como o destinatário inicial da missiva. João de Trani prelado latino que também ocupou o cargo de patriarca *syncellus*, ou seja, o representante do Patriarca de Constantinopla no sul da Itália, visto que a região ainda estava sob o domínio político bizantino.

Estaria Humberto de Silva Cândida utilizando oportunamente o debate sobre o pão ázimo de Leão de Ócrida para alinhar um frente de apoiadores nas disputas eclesiásticas dos territórios do sul da Itália entre Roma e Constantinopla que, naquela época estavam sendo dramaticamente remodelados politicamente pelas incursões normandas? Uma forma de impor mais um obstáculo, agora de fundamento doutrinal e prático, a continuação da existência de qualquer interferência política e eclesiástica bizantina na região? Diante dessa divergência nos textos de Leão de Ócrida que estavam em circulação entre 1053 e 1054, podemos caminhar para ao menos duas possibilidades de interpretação para as versões gregas e latina das epístolas que transitaram em ambiente cristão romano e bizantino.

Primeiramente, como a versão latina de Humberto Silva Cândida atribuía responsabilidade autoral também ao patriarca Miguel Cerulário, e o texto grego não o faz, Celulário pode não ter influência na composição inicial das cobranças de correção ritual

³⁵ Ver: Iogna-Prat, Dominique, “Léon IX, pape consécateur”. In: Bischoff, Georges; Tock, Benoît-Michel (ed.), *Léon et son temps*, Actes du colloque international organize par l’Institut d’Histoire Médiévale de l’Université Marc-Bloch, Brepols, Strasbourg, 2002; Rust, Leandro Duarte, *Colunas de São Pedro: a política papal na Idade Média*, Annablume, São Paulo, 2011.

³⁶ Will, Cornelius, *Op. Cit.*, p. 61.

vindas de Ócrida. Se assim o for, Leão de Ócrida era um porta-voz, como tantos outros de insatisfações com a condução cristã entre seus vizinhos latinos, a ponto de corresponder-se com bispos aliados a fim de colaborar numa demanda de correção local entre sés irmãs, como Apúlia e Veneza. E, justamente, a circulação do texto é que reverberou sua acolhida no ambiente de Constantinopla, onde a demanda é posteriormente incorporada por Cerulário, que a transforma numa campanha junto ao imperador Constantino IX e às igrejas de rito romano presentes na região, após especialmente os textos de resposta do papa Leão IX e de Humberto de Silva Cândia.

Leão de Ócrida presumia que os latinos haviam se desviado do verdadeiro caminho por ignorância e que se fossem corrigidos por seus “irmãos orientais”, voltariam a tomar o caminho. Ele não sustentava que todas as igrejas de rito romano haviam caído no erro, mas restringia-se a alertar sobre a existência do rito e sua falta de fundamento evangélico e doutrinal. As cartas gregas de Leão de Ócrida sobre o pão ázimo iluminam uma sessão desse mundo multicultural, que reconhece o ambiente eclesiástico latino como multicêntrico, assim como não diminuía a iniciativa de um arcebispo submetido a autoridade patriarcal comunicar-se em prol do entendimento dos fundamentos das práticas cristãs submetidas à autoridade papal. Leão convida um bispo a espalhar para todos os bispos Francos e lembrar ao papa sobre o pão ázimo, iniciando um debate para garantir unidade nas práticas e nos fundamentos do rito eucarístico. Portanto, essa carta está longe de produzir a polêmica anti-latina atribuída a ela pela historiografia do “cisma oriental”. Ela reverberaria muito mais um ambiente de contínua troca e aprendizado de cristianismos em circulação.

Agora, se Cerulário usou Leão de Ócrida como seu porta-voz, como se apresenta na tradução latina de Humberto de Silva Cândia, a escolha de Ócrida como ponto base dessa missão também se encaminha para destacar está Sé como polo doutrinal, espaço de estudo e debate, que sustenta e engrandece a autoridade patriarcal da Nova Roma. Seria o reconhecimento de sua posição estratégica na articulação reticular com outras regiões à oeste, como Apúlia, Veneza, Ravenna, espaços abertos ao diálogo em prol da unidade nos fundamentos das práticas cristãs?

Novamente, a perspectiva de mundo cristão com prerrogativas à união, mas formatado multilateralmente, alinhava as hipóteses possíveis para interpretação dos textos que noticiam o relacionamento entre os ambientes cristãos. Olhar para esse mundo como bilateral, escamoteia as constituições locais que ajudaram a sustentar prerrogativas de autoridade e poder extra locais. Nesse sentido, ao invés das ações de correção das práticas cristãs se concentrarem num centro como Roma ou Constantinopla, elas se multiplicaram, autorizando através do exercício do debate feito pelos textos epistolares, grupos e lugares aptos a fundamentar e conduzir o aperfeiçoamento das práticas cristãs.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e Documentos

Büttner, Elmar, *Erzbischof Leon von Ohrid (1037-1056), Leben und Werk* (mit den Texten seiner bisher unedierten asketischen Schrift und seiner drei Briefe an den Papst), Selbstverlag, Bamberg, 2007.

Miguel Pselo, *Epistulae*, Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Ed. Stratis Papaioannou, De Gruyter, Berlin, Boston, 2019, 2 Vols.

Pedro Damiano, *Epístolas 41 e 92. Die Briefe Petrus Damiani*, Monumenta Germaniae Historica. Ed. Kurt Reindel. Tomo 2 e 3, V. München, 1988-1989.

Smith III, Mahlon H., *And Taking a bread... Cerularius and the Azyme controversy of 1054*, Beauchesne editeur, Paris, 1978.

Will, Cornelius, *Acta et scripta quae de controversiis ecclesiae Graecae et Latinae saeculo undecimo composita extant*, Leipzig and Marburg, 1861. Disponível em: <https://archive.org/details/Will1861ActaEtScripta/page/n13>. Acesso em: 21/01/2021.

Bibliografia secundária

Blanchet, Marie-Hélène, “Schismatiques et hérétiques: les qualifications appliquées aux Latins à Byzance”, *Mélanges de l'École française de Rome - Italie et Méditerranée modernes et contemporaines* [Online], 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mefrim/1870?lang=en>. Acesso em: 20/01/2020.

Bovo, Cláudia R., “No âmbito da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072)”, *História* (São Paulo) [online]. 2015, v. 34, n. 2 [Acessado 3 Junho 2021], pp. 263-285. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-436920150002000068>. ISSN 1980-4369.

Bréhier, Louis, *Le Schisme oriental du XIe. Siècle*, E. Leroux, Paris, 1899.

- Cameron, Averil, “Thinking with Byzantium”, *Transactions of the Royal Historical Society*, vol. 21, 2011, pp. 39–57.
- Chakrabarty, Dipesh, *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*, Princeton University Press, Princeton, 2007.
- Congar, Yves, *After Nine Hundred years: The Background of the Schism Between the Eastern and Eestern church*, Fordham University Press, New York, 1959.
- Holmes, Catherine; Stande, Naomi, “Defining the Global Middle Ages”, *Medieval Words*, n. 01, 2015, pp. 106-117.
- Iognat-Prat, Dominique, “Léon IX, pape consécrateur”. In: Bischoff, Georges; Tock, Benoît-Michel (ed.), *Léon et son temps*. Actes du colloque international organize par l’Institut d’Histoire Médiévale de l’Université Marc-Bloch, Brepols, Strasbourg, 2002.
- Jenkins, Philip, *Guerras Santas. Como 4 Patriarcas, 3 Rainhas e 2 Imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos 1500 anos*, LeYa, Rio de Janeiro, 2013.
- Jugie, Martin, *Le Schisme byzantine: aperçu historique et doctrinal*, Lethielleux, Paris, 1941.
- Kolbaba, Tia, “The legacy of Humbert and Cerularius: the tradition of the ‘schism of 1054’ in Byzantine texts and manuscripts of the twelfth and thirteenth centuries”. In: Dendrinis, C. et al. (éd.). *Porphyrogenita. Essays on the history and literature of Byzantium and the Latin East in honour of Julian Chrysostomides*, Aldershot, 2003, pp. 47-61.
- Kolbaba, Tia, “1054 revisited: response to Ryder”, *Byzantine and Modern Greek Studies*, vol. 35, n. 1, 2011, pp. 38–44.
- Miatello, André Luis Pereira, “Cismas”. In: *Theologica Latinoamericana*. Enciclopedia Digital. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional: ISBN 978-85-61227-04-3. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1449>. Acesso em: 20/01/2021

- Naxidou, Eleonora, “The archbishop of ohrid Leo and the ecclesiastical dispute between Constantinople and Rome in the mid 11th century”, *Cyrrillomethodianum*, XXI, 2016, pp. 07-19.
- Orlandis, José, “Oriente y Occidente cristianos (1054-2004). Novecientos cincuenta anos de Cisma”, *Anuario Historia de la Iglesia*, vol. 13, 2004, pp. 247-256.
Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/anuario-de-historia-iglesia/article/view/23631/0>. Acesso em: 10/05/2020.
- Papaioannou, Stratis, “Fragile Literature: Byzantine Letter-Collections and the case of Michael Psellos”. In: P. Odorico (ed.). *La face cachée de la littérature byzantine*, Le texte en tant que message immédiat, Paris, 2012, pp. 289-328.
- Runciman, Steven, *The Eastern Schism. A study of the papacy and the eastern churches during the XIth and XIIth centuries*, Wipf & Stock publishers, Eugene, 1955.
- Rust, Leandro Duarte, *Colunas de São Pedro: a política papal na Idade Média*, Annablume, São Paulo, 2011.
- Ryder, Judith R., “Changing perspectives on 1054”, *Byzantine and Modern Greek Studies*, vol. 35, no. 1, 2011, pp. 20-37.
- Siecienski, Anthony Edward, *The Papacy and the orthodox: sources and history of a debate*, Oxford University Press, New York, 2017.
- Silvano, Luigi, “How, why and when the Italians were separated from the orthodox Christians”. A mid-Byzantine account of the origins of the schism and its reception in the 13th 16th centuries. In: Blanchet, Marie-Hélène; Gabriel, Frédéric (ed.) *Réduire le Schisme: Ecclésiologies et politiques de l’union entre orient et occident (XIIIe. – XVIIIe. Siècle)*. (Collège de France-CNRS. Centre de recherche d’histoire et civilisation de Byzance. Monographies 39), ACHCByz, Paris, 2013, pp. 117-137.
- Steckel, Sita, “Introduction. Towards a Connected History”. In: Steckel, Sita; Gaul, Niels; Grünbart, Michael (Eds.) *Networks of Learning. Perspectives on Scholars in Byzantine East and Latin West, c. 1000–1200*. Münster: LIT-Verlag, 2014, pp. IX-XXXV.
- Whalen, Brett, “Rethinking the schism of 1054: authority heresy and the latin rite”, *Traditio*, vol. 62, 2007, pp. 01-24.